

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2016, Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

© 2006, Nelson DeMille
Website do autor: *www.nelsondemille.net*

Título original: *Wild Fire*

Título: *Fogo Mortal*

Autor: Nelson DeMille

Tradução: Isabel Baptista

Revisão: Sérgio Fernandes

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Vera Braga/ Marcador

Imagens de capa: © Shutterstock, excepto homem a correr na estrada: © Joana Kruse/Arcangel Images

Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-219-0

Depósito legal: 404262/16

1.^a edição: fevereiro de 2016

Nota do autor

Quando os factos e a ficção se misturam nos romances, nem sempre é claro para o leitor qual é qual. Os primeiros leitores do manuscrito de *Fogo Mortal* perguntaram-me o que era real e o que era fruto da minha imaginação, por isso pensei em falar aqui sobre isso.

Em primeiro lugar, a Brigada Antiterrorista representada nesta e noutras histórias de John Corey baseia-se na verdadeira Brigada Conjunta Antiterrorista, com algumas liberdades literárias.

Neste livro, especificamente, consta muita informação sobre o ELF, que é um acrónimo de algo que irão descobrir na história. Todas as informações a respeito do ELF são exatas, tanto quanto é do meu conhecimento.

Quanto ao plano secreto do Governo intitulado Fogo Mortal, baseia-se em algumas informações de que tomei conhecimento, sobretudo através da *net*, e pode ser visto como um boato, um facto, pura ficção ou uma mistura de tudo isto. Pessoalmente, acredito que existe realmente uma variante qualquer do Fogo Mortal (com um outro nome de código), e, se não existe, deveria existir.

Quanto a outros assuntos abordados no livro, como o Nest, o Kneecap e outros acrónimos, são todos autênticos. Se aquilo que lerem vos parecer real, provavelmente é porque é mesmo. A verdade é de facto mais estranha do que a ficção, e muitas vezes mais assustadora.

A pergunta mais frequente que me fizeram até agora é se os BearBangers são reais. De facto, são-no.

A data em que se passa esta história é outubro de 2002, um ano e um mês após o 11 de Setembro de 2001, e os cabeçalhos e artigos do *New York Times* a que me refiro são reais. Da mesma forma, qualquer menção aos

procedimentos de segurança do Governo, ou à falta deles, é verídica em relação à data da história.

Alguns dos meus leitores que trabalham nas forças da lei acham que o detetive John Corey tem alguns problemas com os limites da sua autoridade e da sua jurisdição. Admito que tomei algumas liberdades dramáticas em nome do entretenimento. Um John Corey a seguir as regras e a cumprir o regulamento não é aquilo que nenhum de nós quer ver num herói.

Os primeiros leitores deste livro disseram-me que *Fogo Mortal* lhes tirou o sono até muito depois de terem acabado de o ler. De facto, este é um livro assustador para tempos assustadores; mas é também um aviso para o mundo pós-11 de Setembro.

PRIMEIRA PARTE

SEXTA-FEIRA

NOVA IORQUE

*O FBI investiga os assuntos relacionados com o terrorismo sem olhar a raça,
religião, nacionalidade ou género.*

«Terrorismo nos Estados Unidos»
Publicações do FBI, 1997

CAPÍTULO 1

O meu nome é John Corey, antigo detetive de homicídios da Polícia de Nova Iorque, ferido no cumprimento do dever, reformado com três quartos de incapacidade (que é apenas um número para fins salariais; cerca de noventa e oito por cento de mim ainda funciona), a trabalhar atualmente como agente especial contratado para a Brigada Federal Antiterrorista.

— Alguma vez ouviste falar no Clube Custer Hill? — perguntou-me o Harry Muller, o fulano no cubículo à minha frente.

— Não. Porquê?

— É para onde eu vou neste fim de semana.

— Então diverte-te — disse eu.

— É uma data de malucos ricos da extrema-direita que têm um pavilhão de caça lá no Norte.

— Não me tragas nenhum bocado de veado, Harry. Nem pássaros mortos.

Levantei-me da minha secretária e fui até à cafetaria. Na parede por cima das máquinas de café estavam os cartazes dos procurados pelo Departamento de Justiça, na maioria com cavalheiros muçulmanos, incluindo o bandalho número um, o Osama bin Laden.

Incluído também nas quase duas dúzias de cartazes estava um líbio chamado Asad Khalil, também conhecido como *O Leão*. Eu não precisava de memorizar a fotografia deste fulano; conhecia a cara dele tão bem como a minha, apesar de ele nunca me ter sido formalmente apresentado.

O meu breve contacto com o Sr. Khalil ocorreu há cerca de dois anos, quando eu pensava que andava atrás dele, mas afinal era ele que andava atrás de mim. Ele escapou-se e eu safei-me com uma ferida de raspão, mas, tal

como os árabes provavelmente diriam, «estamos destinados a encontrarmos outra vez para cumprirmos o nosso destino». Estou ansioso por isso.

Verti as borras de café para um copo de esferovite e passei a vista por um exemplar do *New York Times* que estava em cima do balcão. O cabeçalho de hoje, sexta-feira, 11 de outubro de 2002, dizia: «CONGRESSO AUTORIZA BUSH A USAR A FORÇA CONTRA O IRAQUE, ATRAVÉS DA CRIAÇÃO DE UM MANDATO ALARGADO».

No subtítulo lia-se: «Relatórios oficiais revelam que os Estados Unidos têm um plano para a ocupação do Iraque».

Aparentemente, a guerra era uma conclusão inevitável, assim como a vitória. Por isso, era boa ideia ter um plano de ocupação. Perguntei-me se alguém no Iraque estaria a par disto.

Levei o café para a minha secretária, liguei o computador e li alguns memorandos internos. Agora somos uma organização praticamente sem papéis e na verdade tenho saudades de rubricar os memorandos. Tive ganas de rubricar o ecrã do computador com um lápis de cera, mas fiquei-me pelo equivalente eletrónico. Se fosse eu que mandasse, todos os memorandos viriam em Ecrã Mágico.

Dei uma olhadela no relógio. Eram quatro e meia da tarde e os meus colegas do vigésimo sexto piso do n.º 26 da Federal Plaza estavam a diminuir rapidamente. Os meus colegas, devo esclarecer, são, tal como eu, membros da Brigada Antiterrorista, uma agência de duas iniciais num mundo de agências com três letras.

Este é o mundo pós-11 de Setembro, por isso, em teoria, os fins de semana são apenas mais dois dias de trabalho para toda a gente. Na verdade, a nobre tradição da Sexta-feira Federal — que significa sair mais cedo — não mudou lá muito, por isso, os membros da Polícia de Nova Iorque, que faz parte da Brigada, e os que estão habituados a horários ranhosos aguentam o forte nos fins de semana e nos feriados.

— O que vais fazer neste fim de semana? — perguntou-me o Harry Muller.

Era o fim de semana prolongado do Dia de Colombo, mas quis a sorte que eu estivesse destacado para trabalhar na segunda-feira.

— Eu ia desfilar na Parada do Dia de Colombo, mas estou de serviço na segunda-feira — respondi.

— Ah, sim? Ias desfilar?

— Não, mas foi isso que eu disse ao capitão Paresi. Disse-lhe que a minha mãe era italiana e que eu lhe iria empurrar a cadeira de rodas na parada.

O Harry riu-se e perguntou:

— E ele engoliu essa?

— Não. Mas ofereceu-se para lhe empurrar a cadeira de rodas.

— Pensava que os teus pais estavam na Florida.

— E estão.

— E que a tua mãe era irlandesa.

— E é. Agora vou ter de arranjar uma mãe italiana para o Paresi empurrar pela avenida Colombo.

O Harry riu-se outra vez e voltou para o seu computador.

Tal como a maioria dos agentes da Polícia de Nova Iorque a trabalhar na secção do Médio-Oriente da Brigada, o Harry Muller segue e vigia «pessoas de interesse», o que, em linguagem politicamente correta, significa a comunidade muçulmana. Quanto a mim, dedico-me sobretudo a interrogar e a recrutar informadores.

Uma grande percentagem dos meus informadores é composta por mentirosos e vigaristas que querem dinheiro ou a cidadania, ou que pretendem lixar alguém da sua comunidade fortemente unida. De vez em quando, encontro um dos bons, mas quando isso acontece tenho de o partilhar com o FBI.

A Brigada é constituída na sua maioria por agentes do FBI e por detetives da Polícia de Nova Iorque, mais alguns bófiás reformados, como eu. Além disso, temos pessoas que vieram destacadas de outras agências federais, como de Imigração e Alfândegas, a polícia estadual e a suburbana, a Autoridade Portuária, e por aí fora; demasiadas para que eu as nomeie ou me lembre delas.

Incluem-se ainda no nosso grupo algumas pessoas que, tal como os fantasmas, não existem de facto; mas, se existissem, diríamos que eram da CIA.

Fui ver o meu *e-mail* e havia três mensagens. A primeira era do meu chefe, o Tom Walsh, agente especial encarregado, que ficou à frente da Brigada quando o meu antigo chefe, o Jack Koenig, morreu no World Trade Center. O *e-mail* dizia: «CONFIDENCIAL — LEMBRETE — NO DECURSO DE POSSÍVEIS HOSTILIDADES CONTRA O IRAQUE, TEMOS DE PRESTAR ESPECIAL ATENÇÃO AOS IRAQUIANOS A VIVER NOS EUC».

«EUC» queria dizer «Estados Unidos Continentais». «Hostilidades» queria dizer «guerra». O resto queria dizer «Encontrem um iraquiano que possamos associar a uma ameaça terrorista contra os Estados Unidos, para podermos facilitar a vida aos fulanos de Washington, antes de eles bombardearem Bagdade e arrasarem aquela merda toda».

A mensagem continuava: «A ÊNFASE MANTÉM-SE SOBRE UBL, A PRINCIPAL AMEAÇA, COM NOVA ÊNFASE SOBRE A LIGAÇÃO UBL/SADDAM. RELATÓRIOS SOBRE ISTO NA PRÓXIMA SEMANA — TBA. WALSH, SAC».

Para os não iniciados, «UBL» é «Osama bin Laden», que deveria ser «OBL», mas alguém já transliterou há muito tempo o alfabeto árabe para letras latinas e deu «Usama», que também está correto. A imprensa usa sobretudo a forma «Osama» para escrever o nome do cabrão, enquanto as agências secretas se continuam a referir a ele como «UBL». Mas o cabrão é o mesmo.

O *e-mail* seguinte era do meu segundo chefe, o já mencionado Vince Paresi, um capitão da Polícia de Nova Iorque destacado para a Brigada para estar de olho nos bófiás difíceis — lote no qual eu talvez esteja incluído — que, por vezes, não se dão lá muito bem com os seus amigos do FBI. O capitão Paresi substituiu o capitão David Stein, que, tal como o Jack Koenig, foi morto — assassinado, na verdade — faz hoje um ano e um mês, no World Trade Center.

O David Stein era um tipo ótimo e eu sinto a falta dele todos os dias. O Jack Koenig, apesar de todos os seus defeitos e de todos os nossos problemas um com o outro, era um profissional, um chefe duro, mas justo, e um patriota. O seu corpo nunca foi recuperado, nem tão pouco o de David Stein.

Um cadáver que também nunca foi recuperado, para além dos outros dois mil, foi o do Ted Nash, agente da CIA, um sacana monumental e arquirival deste vosso amigo.

Gostava de me conseguir lembrar de alguma coisa simpática para dizer a respeito deste idiota, mas tudo o que me ocorre é «boa viagem».

Além disso, este fulano tem o mau hábito de voltar dos mortos — já fez isso pelo menos uma vez — e eu não quero deitar foguetes antes de aparecer um corpo devidamente identificado.

Adiante. O *e-mail* do capitão Paresi, para todo o pessoal da Polícia de Nova Iorque na Brigada, dizia: «É PRECISO AUMENTAR A VIGILÂNCIA SOBRE OS IRAQUIANOS, CONTACTAR OS IRAQUIANOS QUE JÁ NOS AJUDARAM E TRAZER PARA INTERROGATÓRIO TODOS OS IRAQUIANOS QUE ESTÃO NAS LISTAS DE VIGILÂNCIA. DEVEM PRESTAR ATENÇÃO ESPECIAL AOS IRAQUIANOS QUE SE DÃO COM OUTROS INDIVÍDUOS DE NACIONALIDADE ISLÂMICA, COMO SAUDITAS, AFEGÃOS, LÍBIOS, ETC. A VIGILÂNCIA SOBRE AS MESQUITAS DEVERÁ SER AUMENTADA. RELATÓRIOS NA PRÓXIMA SEMANA, TBA. PARESI, CAPITÃO. POLÍCIA DE NOVA IORQUE».

Acho que estou a ver um padrão.

É difícil de acreditar, mas ainda não há muito tempo estávamos a tentar perceber o que deveríamos fazer aqui no dia a dia e os memorandos eram cuidadosos com as palavras, como que para não parecer que condenávamos os terroristas islâmicos ou que lhes podíamos causar algum incómodo. Isto mudou muito depressa.

O terceiro *e-mail* era da minha mulher, Kate Mayfield, que eu podia ver à sua secretária através da grande divisória entre a Polícia de Nova Iorque e

o FBI, no vigésimo sexto piso. A minha mulher é muito bonita, mas, mesmo que não fosse, eu continuaria a adorá-la. Na verdade, se não fosse bonita, eu nem sequer teria reparado nela, portanto vai dar ao mesmo.

A mensagem dizia: «BORA SAIR MAIS CEDO. VAMOS PARA CASA, DAMOS UMA QUECA, E DEPOIS EU PREPARO-TE UMAS BEBIDAS E FAÇO CACHORROS QUENTES COM CHILI, ENQUANTO TU VÊS TELEVISÃO EM CUECAS».

De facto, não era isto que dizia. O que lá estava era: «VAMOS PASSAR UM FIM DE SEMANA ROMÂNTICO AO NORTH FORK, COM PROVA DE VINHOS. EU RESERVO UM QUARTO COM PEQUENO-ALMOÇO. BEIJINHOS, KATE».

Por que raio é que eu tenho de provar vinhos? Aquilo sabe tudo ao mesmo. Além disso, os sítios que alugam quartos com pequeno-almoço são uma porcaria — uns casebres pirosos e decrepitos, com casas de banho do século XIX e camas que rangem. E depois temos de tomar o pequeno-almoço com os outros hóspedes, que são normalmente uns *yuppies* asquerosos de Upper West Side, que querem falar sobre qualquer coisa que leram na secção de «Artes e lazer» do *Times*. Sempre que ouço a palavra «arte», tenho ganas de lhes dar um tiro.

Escrevi a minha resposta: «PARECE-ME ÓTIMO. AINDA BEM QUE TIVESTE ESTA IDEIA. BEIJINHOS, JOHN».

Tal como acontece com a maioria dos homens, eu preferia enfrentar uma metralhadora apontada a mim do que uma mulher irritada.

A Kate Mayfield é agente do FBI, advogada, e faz parte da minha equipa, composta por mais um fulano da Polícia de Nova Iorque e por outro agente do FBI. Além disso, de vez em quando acrescentamos mais uma ou duas pessoas de outras agências, conforme for necessário, tal como a Imigração e Alfândegas ou a CIA. O nosso último colega da CIA foi o já mencionado Ted Nash, de quem eu suspeito fortemente que em tempos teve um envolvimento romântico com a minha futura mulher. Não era só por isso que eu antipatizava com ele — era por isso que eu o *odiava*. A antipatia era por razões profissionais.

Reparei que o Harry Muller estava a arrumar a secretária dele, fechando à chave o material sensível, para que o pessoal da limpeza, muçulmano ou não, não o pudesse fotocopiar ou enviar por *fax* para a *Desertolândia*.

— Ainda faltam vinte e um minutos antes de tocar para a saída — disse-lhe eu.

Ele levantou a vista para mim e respondeu:

— Tenho de ir buscar umas coisas aos Serviços Técnicos.

— Porquê?

— Eu disse-te. Vou fazer uma vigilância a norte. No Clube Custer Hill.

— Pensei que tinhas sido convidado.

— Não, vou à penetra.

— Como é que ficaste com essa missão?

— Não sei. Não faço perguntas. Tenho uma caravana, um par de botas e um barrete com pompons nas orelhas. Portanto estou preparado.

— Certo.

O Harry Muller, tal como eu disse, é um antigo agente da Polícia de Nova Iorque como eu, reformado depois de vinte anos de serviço — os últimos dez na Unidade de Serviços Secretos — e agora contratado pelos federais para seguir suspeitos e fazer vigilância, para que o pessoal do fatinho, como nós chamamos aos do FBI, possa fazer o trabalho cerebral.

— Ei, então e essa coisa dos tipos da extrema-direita? — perguntei-lhe. — Pensei que estavas na nossa equipa — e «a nossa equipa» quer dizer «secção do Médio-Oriente», que hoje em dia constitui cerca de noventa por cento da Brigada.

— Não sei. Não faço perguntas — respondeu o Harry. — Eu só tenho de tirar fotografias, não preciso de ir à missa com eles.

— Leste os *e-mails* do Walsh e do Paresi?

— Li.

— Achas que vamos entrar em guerra?

— Daa... deixa-me pensar...

— Esse grupo da extrema-direita tem alguma ligação aos iraquianos ou ao ULB?

— Não sei — o Harry deu uma olhadela ao relógio e disse: — Tenho de ir aos Serviços Técnicos antes que fechem.

— Tens tempo. Vais sozinho? — perguntei-lhe.

— Vou. Não há problema. É só uma vigilância não invasiva — olhou para mim e acrescentou: — Cá entre nós, o Walsh diz que isto só serve para matar árvores; para gastar mais papel para os ficheiros. Tipo, nós não andamos só a chatear os árabes, estás a ver? Também andamos em cima dos grupos domésticos, como os neonazis, as milícias, os sobreviventalistas e outros assim. Dará boa impressão na imprensa e no Congresso, se alguma vez vier à baila, topas? Fizemos isto algumas vezes antes do 11 de Setembro, lembraste?

— Claro.

— Vou andando. Vemo-nos na segunda-feira. Tenho de falar com o Walsh logo de manhã.

— Ele trabalha na segunda-feira?

— Bem, não me convidou para ir a casa dele tomar uma cerveja, portanto calculo que vá estar aqui.

— Certo. Até segunda.

E o Harry saiu.

O que ele tinha dito a respeito da papelada para os ficheiros não fazia lá muito sentido. Além disso, temos uma secção de Terrorismo Doméstico para esse tipo de coisas. E, depois, espiar fulanos ricos da extrema-direita com um clube no Norte era um bocadinho estranho. Tal como era estranho o Tom Walsh vir trabalhar num feriado para ouvir o relatório do Harry numa missão de rotina.

Eu meto o nariz em tudo — e é por isso que sou um ótimo detetive —, portanto fui para um computador isolado, através do qual podia ter acesso à Internet, e fiz uma pesquisa no Google com «Clube Custer Hill».

Não obtive nenhum resultado, por isso tentei só com «Custer Hill». O contador deu mais de 400 000 resultados e os da primeira página — campos de golfe, restaurantes e várias referências históricas ao Dakota do Sul, que tinham que ver com o problema que o general George Armstrong Custer teve em Little Bighorn — indicavam que nenhuma dessas referências seria relevante. Mesmo assim, passei dez minutos a ver os resultados, mas não havia nada que se referisse ao estado de Nova Iorque.

Voltei para a minha secretária, onde podia usar a minha palavra-passe da Brigada para ter acesso aos ficheiros internos do Sistema de Arquivo Automático — a versão do Google do FBI.

O Clube Custer Hill apareceu, mas, pelos vistos, eu não tinha necessidade nenhuma de ter acesso àquele ficheiro e as linhas por baixo do título estavam todas riscadas com «X». Normalmente conseguimos ver alguma coisa, mesmo nos ficheiros restritos, tal como a data em que a pasta foi aberta, a quem nos devemos dirigir para pedir acesso, ou pelo menos o nível de classificação do ficheiro. Mas este estava completamente inacessível.

Por isso, só consegui alertar os gorilas da segurança para o facto de estar a tentar entrar num ficheiro restrito, que não tinha nada que ver com o meu trabalho neste momento, com os iraquianos. Só para lhes dar cabo da cabeça, escrevi na pesquisa: «Clube Camelo Iraquiano Armas Destruição Em Massa».

Não apareceu nenhum resultado.

Desliguei o computador, tranquei a minha secretária, peguei no casaco e fui até ao cubículo da Kate.

A Kate Mayfield e eu conhecemo-nos em serviço, quando trabalhávamos ambos no caso do já mencionado Asad Khalil, um cabrãozito do piorio que veio à América para matar uma data de gente. Cumpriu a missão dele, tentou matar-me a mim e à Kate, e a seguir fugiu. Não foi um dos meus melhores casos, mas fez com que eu e ela nos juntássemos; por isso, da próxima

vez que o vir, irei agradecer-lhe antes de lhe dar um tiro na barriga e de ficar a vê-lo a morrer devagarinho.

— Posso oferecer-te uma bebida? — perguntei à Kate.

Ela levantou a vista para mim e sorriu.

— Viria a calhar — e voltou a olhar para o computador.

A Sra. Mayfield é uma rapariga do Midwest, que Washington mandou para Nova Iorque. No início ficou contrariada com a colocação, mas agora está delirante de felicidade por viver na melhor cidade do Mundo com o melhor homem do Universo.

— Porque é que vamos para fora no fim de semana? — perguntei eu.

— Porque esta cidade me põe doida.

As cidades perfeitas podem causar esse efeito.

— Em que é que estás a trabalhar? — quis eu saber.

— Estou a tentar encontrar um quarto com pequeno-almoço no North Fork.

— Provavelmente estão todos cheios, por ser um fim de semana prolongado. E não te esqueças de que eu trabalho na segunda-feira.

— Como é que me poderia esquecer disso? Tens passado a semana toda a queixar-te.

— Eu nunca me queixo.

Por qualquer motivo, ela achou piada a isto.

Observei o rosto da Kate à luz do ecrã do computador. Continuava tão bonita como no dia em que a conheci, há quase três anos. Normalmente, as mulheres com quem eu estou envelhecem depressa. A minha primeira mulher, a Robin, dizia que o nosso casamento de um ano parecia ter durado dez.

— Encontramo-nos no Ecco's — disse eu à Kate.

— Cuidado com os engates.

Atravessei a zona dos cubículos, que agora estava quase deserta, e cheguei ao patamar do elevador, apinhado de colegas.

Troquei conversa de circunstância com algumas pessoas, até que vi o Harry e fui ter com ele. Trazia uma grande mala de metal, que devia conter câmaras e lentes.

— Deixa-me pagar-te uma bebida — propus-lhe.

— Desculpa, mas tenho de me fazer à estrada já.

— Vais para lá esta noite?

— Vou. Tenho de lá estar logo de madrugada. Vai haver uma reunião qualquer e eu tenho de fotografar as matrículas e as pessoas à medida que forem chegando.

— Parece a vigilância que costumávamos fazer aos casamentos e aos funerais.

— Sim, é a mesma merda.

Enfiámo-nos num elevador cheio de gente e descemos até ao átrio.

— A Kate não veio? — perguntou o Harry.

— Vem já a caminho — o Harry era divorciado mas tinha uma namorada, por isso perguntei: — Como está a Lori?

— Está ótima.

— Estava com ótimo aspeto na fotografia do Match.com.

Ele riu-se.

— És mesmo parvo.

— Porquê? Ei, onde é que fica esse sítio?

— Qual sítio? Oh, fica para Norte, perto do lago Saranac.

Sáímos para a Broadway. Estava um dia fresco de outono e as ruas e os passeios tinham aquela atmosfera do *Graças-a-Deus-é-Sexta-Feira*.

Despedimo-nos os dois e eu fui andando para Sul, pela Broadway fora.

A baixa de Manhattan é um denso aglomerado de arranha-céus e ruas estreitas, que asseguram um mínimo de luz do sol e um máximo de *stress*.

A área inclui o Lower East Side, onde eu nasci e me criei, Chinatown, Little Italy, Tribeca e o Soho. As principais indústrias desta zona são diametralmente opostas: os negócios e as finanças, representados por Wall Street, e o Governo, representado pelos tribunais federal, estadual e municipal, a Câmara Municipal, as prisões, a sede do FBI, a sede da Polícia de Nova Iorque, e por aí fora. A tudo isto somam-se inevitavelmente as firmas de advocacia, sendo que numa delas trabalha a minha ex-mulher, uma advogada de defesa que só representa a classe mais alta da escória criminal. Essa foi uma das razões pelas quais nos divorciámos. A outra foi o facto de ela pensar que cozinhar e foder eram duas cidades na China.

Lá no alto havia uma grande área de céu aberto, onde em tempos estavam as Torres Gémeas. Para a maioria dos americanos, e até para a maioria dos nova-iorquinos, ao longe, a ausência das torres é apenas um intervalo na silhueta da cidade. Mas, para quem vive ou trabalha no centro da cidade e estava habituado a ver aqueles gigantes todos os dias, esta ausência continua a ser uma surpresa quando vamos pela rua e eles não estão lá.

Enquanto ia andando, pensei na minha conversa com o Harry Muller.

Por um lado, não havia nada de invulgar ou de assinalável a respeito daquela missão de fim de semana. Por outro, aquilo não batia certo. Ou seja, aqui estamos nós à beira de uma guerra com o Iraque e com outra a decorrer no Afeganistão, paranoicos com a hipótese de mais um ataque terrorista, e o Harry é enviado para ir espiar uma reunião qualquer de ricalhaços da extrema-direita, cujo nível de ameaça à segurança nacional neste momento está provavelmente entre o reduzido e o não existente.

E depois havia o disparate do Tom Walsh a dizer ao Harry que tinham de reunir informações para o caso de alguém no Congresso ou na imprensa querer saber se a Brigada andava em cima dos terroristas nacionais. Isto poderia ter feito sentido há uns anos, mas, depois do 11 de Setembro, os neonazis, as milícias e essa malta toda têm estado sossegados — e, na verdade, muito entusiasmados pelo facto de termos sido atacados e de o país estar a reagir muito bem, a matar os maus e a prender pessoas e coisas assim. E depois havia o relatório no feriado de segunda-feira.

Enfim, eu não deveria dar grande importância ao assunto, apesar de este ser um bocadinho estranho. Basicamente, não tinha nada com isso, e, depois, cada vez que faço perguntas a mais sobre as coisas esquisitas que se passam no n.º 26 da Federal Plaza, meto-me em sarilhos. «John, Sarilhos é o teu segundo nome», já dizia a minha mãe. E eu acreditei nela até ter visto a minha certidão de nascimento, que dizia que afinal era Aloysius. Trocaria de bom grado o Aloysius por Sarilhos.

CAPÍTULO 2

Virei na Chambers Street e entrei no Ecco's, um restaurante italiano com a atmosfera de um *saloon* — o melhor de ambos os mundos.

O bar estava apinhado com cavalheiros de fato e senhoras de traje executivo. Reconheci uma série de caras e fiz algumas saudações.

Mesmo que eu não conhecesse ninguém, sendo um detetive e um bom observador da vida nova-iorquina, conseguiria distinguir os advogados bem pagos, os funcionários públicos, o pessoal das forças da autoridade e o das finanças. De vez em quando, esbarro com a minha *ex*, por isso um de nós vai ter de deixar de cá vir.

Pedi um Dewar's com soda e fiz conversa com algumas pessoas à minha volta.

A Kate chegou e eu pedi um vinho branco para ela, o que me lembrou o meu problema do fim de semana.

— Ouviste falar da moléstia das uvas? — perguntei eu.

— Qual moléstia?

— Aquela do North Fork. As uvas estão todas infetadas com um fungo esquisito que se pode transmitir aos seres humanos.

Aparentemente, ela não ouviu o que eu disse e continuou:

— Encontrei um quarto com pequeno-almoço bastante simpático em Mattituck — descreveu o sítio, com base no que vira num *site* turístico qualquer, e concluiu: — Parece ter muito charme.

Tal como o castelo do Drácula no *site* da Transilvânia.

— Alguma vez ouviste falar no Clube Custer Hill? — perguntei-lhe.

— Não... Não o vi no *site* do North Fork. Em que povoação é que fica?

— Na verdade, fica a norte de Nova Iorque.

— Oh... é um sítio bonito?

— Não sei.

— Queres ir lá no fim de semana a seguir?

— Ainda vou confirmar primeiro.

Aparentemente, este nome não dizia nada à Sra. Mayfield, que por vezes sabe de coisas que não partilha comigo. Quer dizer, nós somos casados, mas ela é do FBI e eu tenho um acesso mais limitado às informações confidenciais. Por isso, fiquei a imaginar porque é que a Sra. Mayfield achava que as palavras «Clube Custer Hill» se referiam a um lugar onde pudéssemos ficar e não, por exemplo, a uma sociedade histórica, a um clube de campo ou a qualquer coisa do género. Talvez tivesse sido por causa do contexto. Ou talvez ela soubesse exatamente do que é que eu estava a falar.

Mudei de assunto para os memorandos a respeito do Iraque e discutimos a situação geopolítica durante um bocado. A opinião da agente especial Mayfield era que a guerra com o Iraque não só era inevitável, como também necessária.

O n.º 26 da Federal Plaza é um ministério orwelliano e os funcionários do Governo que lá trabalham estão muito bem sintonizados com qualquer ligeira alteração na linha do partido. Quando o politicamente correto estava na ordem do dia, poderíamos pensar que a Brigada Antiterrorista era uma agência de serviços sociais para psicopatas com fraca autoestima. Agora, toda a gente fala em matar fundamentalistas islâmicos e em ganhar a guerra ao terror — gramaticalmente correto seria «a guerra ao terrorismo», mas isto é o mundo da novilíngua. A Sra. Mayfield, uma boa funcionária do Governo, tem poucas opiniões políticas próprias, por isso não tem qualquer problema em odiar os talibãs, a Al-Qaeda e o ULB num dia e no outro odiar ainda mais o Saddam Hussein, sempre que aparece uma diretiva a dizer-lhe quem é que ela tem de odiar nesse dia.

Mas talvez eu não esteja a ser justo. E não sou totalmente racional no que respeita ao Bin Laden e à Al-Qaeda. Perdi uma série de amigos no 11 de Setembro, e só pela graça de Deus e da lentidão do trânsito é que a Kate e eu não estávamos na Torre Norte quando ela veio abaixo.

Eu ia a caminho de uma reunião ao pequeno-almoço no Windows of the World, no 107.º piso. Estava atrasado e a Kate esperou por mim no átrio. O David Stein, o Jack Koenig e o meu antigo parceiro, o Dom Fanelli, talvez o melhor amigo que já tive, chegaram a horas, tal como muitas outras boas pessoas e algumas más, como o Ted Nash. Não sobreviveu ninguém naquele restaurante.

Não fico afetado com facilidade — nem o facto de ter levado três tiros e de quase ter sangrado até à morte no meio da rua teve algum efeito

prolongado na minha saúde mental, mesmo não sendo lá grande coisa —, mas esse dia abalou-me mais do que aquilo de que me apercebi na altura. Quer dizer, eu estava mesmo por baixo do avião quando ele colidiu com a torre. E, agora, sempre que vejo um avião baixo a passar por cima da minha cabeça ...

— John?

Virei-me para a Kate.

— O que foi...?

— Perguntei se querias outra bebida.

Olhei para baixo e vi o meu copo vazio.

Ela pediu-me outro.

Ia seguindo vagamente as notícias que passavam na televisão ao fundo do bar. O repórter estava a fazer a cobertura da votação do Congresso sobre o Iraque.

Na minha cabeça, eu estava novamente no 11 de Setembro. Tinha tentado ser útil, ajudando os bombeiros e os polícia a evacuarem o átrio, mas ao mesmo tempo andava à procura da Kate.

A seguir, ao sair do edifício a transportar uma maca, olhei para cima, vi aquelas pessoas a saltarem das janelas, pensei que a Kate estava lá em cima e julguei vê-la a cair. Olhei para ela, sentada ao meu lado, e ela olhou para mim e perguntou:

— Em que é que estás a pensar?

— Em nada.

E a seguir o segundo avião atingiu a torre e, passado um bocado, ouvi aquele estranho ribombar do betão e do aço a desmoronarem-se, um barulho como eu nunca tinha ouvido. Ainda consigo sentir o chão a tremer debaixo dos meus pés, enquanto o edifício caía e os vidros estilhaçados choviam do céu. E, tal como toda a gente, corri o mais que pude. Ainda não me consigo lembrar se deixei cair a maca, ou se o outro fulano a deixou cair primeiro, nem se eu estava de facto a transportar uma maca.

Acho que nunca me irei lembrar disso.

Nas semanas que se seguiram ao 11 de Setembro, a Kate tornou-se re-traída, não conseguia dormir, chorava bastante e raramente sorria. Lembrava-me as vítimas de violação com as quais eu lidara, que não tinham perdido apenas a sua inocência, mas também parte da alma.

Os burocratas sensíveis de Washington incentivaram toda a gente que tivesse estado envolvida nesta tragédia a procurar aconselhamento. Eu não sou do tipo de falar dos meus problemas a estranhos, sejam estes profissionais ou não, mas, por insistência da Kate, acabei por ir a um dos psiquiatras contratados pelos federais para lidar com a grande procura. O fulano

também era um bocadinho chanfrado, por isso não fizemos grandes progressos na primeira sessão.

Na sessão seguinte e nas que se sucederam, fui ao bar do meu bairro, o Dresner's, onde o Aiden, o empregado, me deu conselhos sábios.

— É uma puta de vida — dizia ele. — Tome mais um copo.

A Kate, por outro lado, seguiu a sua terapia durante uns seis meses e agora está muito melhor.

Porém, alguma coisa lhe aconteceu que nunca se irá curar completamente. E, seja lá o que for, pode ter sido melhor assim.

Ela sempre foi uma boa companhia desde que eu a conheço, sempre a seguir as regras e raramente criticando o FBI ou os seus métodos. De facto, ela costumava criticar-me a mim por criticar o FBI.

Por fora, ela continua a ser um soldado leal, tal como eu disse, e segue a linha do partido, mas por dentro apercebeu-se de que a linha do partido deu uma volta de cento e oitenta graus, e esta percepção tornou-a um pouco mais cínica, mais crítica e inquisitiva. Para mim, isto é uma coisa boa e agora temos algo em comum.

Por vezes, tenho saudades da menina da claque, de olhos brilhantes, por quem me apaixonei. Mas também me agrada esta mulher mais dura e mais experiente que, tal como eu, viu o rosto do mal e está pronta para o encarar outra vez.

E agora, um ano e um mês depois, vivemos num estado de perpétua ansiedade com as cores dos alertas. Hoje, estamos no nível «Alerta Laranja». Amanhã, quem sabe? Só tenho a certeza de que não voltará a ser «Verde» até ao fim da minha vida.

SEGUNDA PARTE

SÁBADO

NORTE DO ESTADO DE NOVA IORQUE

Não é sensato deixares um dragão fora dos teus cálculos quando vives perto dele.

J. R. R. Tolkien

CAPÍTULO 3

O detetive Harry Muller estacionou a sua caravana na berma de uma antiga estrada florestal, pegou no equipamento que levava no banco da frente, saiu, verificou a bússola e encaminhou-se para Noroeste pelo meio da mata, com um camuflado outonal e um carapuço preto.

O terreno era fácil de atravessar, com pinheiros bastante espaçados e o chão coberto de musgo e de fetos húmidos. A luz da alvorada começava a filtrar-se através dos pinheiros, revelando uma névoa espessa rente ao chão. Os pássaros cantavam e pequenos animais davam corridinhas pelo mato rasteiro.

Estava frio e Harry via o seu bafo a condensar-se, mas aquela floresta intacta era espetacular, e por isso ele estava ligeiramente mais feliz do que desconfortável.

Levava uns binóculos a tiracolo, uma máquina de filmar e uma câmara Nikon de 12 megapíxeis, com uma teleobjetiva de 300 mm. Levava também um *Guia das Aves Sibley*, para o caso de alguém lhe perguntar o que estava a fazer ali, e uma Glock de 9 mm para o caso de não gostarem da sua resposta.

O fulano conhecido como *Ed dos Técnicos* dissera-lhe que o terreno do Clube Custer Hill tinha cerca de seis quilómetros e meio de cada lado, com um total de quarenta e dois quilómetros quadrados de propriedade privada. Por incrível que parecesse, todo o terreno estava rodeado por uma vedação alta em rede, e era por isso que o fulano dos Serviços Técnicos lhe tinha dado um corta-arame, que Harry levava agora na algibeira lateral.

Dez minutos depois, chegou à vedação. Tinha cerca de quatro metros de altura, com arame farpado no topo. Sinais em metal, de três em três metros, avisavam: «PROPRIEDADE PRIVADA — OS INFRATORES SERÃO PUNIDOS POR LEI».

Uma outra placa dizia: «PERIGO — NÃO ENTRAR — PROPRIEDADE PATRULHADA POR GUARDAS ARMADOS E CÃES».

Harry sabia, por experiência própria, que sinais de aviso como aqueles eram normalmente mais para assustar do que para ser levados a sério. No entanto, neste caso, ele iria levá-los a sério. Sentiu-se inquieto pelo facto de Walsh não ter conhecimento dos cães e dos guardas armados — ou então sabia-o e não lhe disse nada. Em qualquer dos casos, iria dar umas palavrinhas a Tom Walsh na segunda-feira de manhã.

Pegou no telemóvel e mudou de toque para vibração. Reparou que havia bastante rede, o que era um tanto estranho nas montanhas. Num impulso, ligou para o telemóvel da sua namorada, Lori. Ao fim de cinco toques, chegou ao *voice-mail*.

— Olá, querida — disse baixinho para o telemóvel. — É o teu mais que tudo. Estou cá em cima nas montanhas, por isso não devo ter boa rede durante muito tempo. Mas queria dizer olá. Cheguei aqui ontem por volta da meia-noite, dormi na caravana e agora estou em missão, ao pé do pavilhão dos tarados da extrema-direita. Por isso não me telefones, que eu ligo para ti mais tarde da linha fixa, se não te conseguir ligar do telemóvel. Está bem? Tenho uma coisa para fazer no aeroporto local ainda hoje, ou amanhã de manhã, por isso posso ter de passar aqui a noite. Digo-te quando souber. Até logo. Adoro-te.

Desligou, pegou no corta-aramé, abriu um buraco na rede de arame e espremeu-se através dele para o interior da propriedade. Imobilizou-se e ficou à escuta, a observar, e em seguida voltou a meter o corta-aramé na algibeira. Continuou a avançar pela mata fora.

Ao fim de uns cinco minutos, reparou num poste telefónico entre os pinheiros e aproximou-se dele. O poste tinha uma caixa com um telefone, mas estava trancada.

Olhou para o alto e viu que o poste devia ter uns nove metros de altura. A cerca de seis metros do chão, estavam quatro holofotes e por cima deles viam-se cinco fios, presos a uma barra horizontal. Obviamente, um deles alimentava o telefone e o outro alimentava os holofotes. Os outros três eram cabos muito grossos que podiam aguentar grandes cargas de electricidade.

Harry notou uma coisa estranha e focou os binóculos para o cimo do poste. Aquilo que pensara que eram gavinhas das árvores ao redor eram, na verdade, gavinhas que saíam *do próprio* poste. Sabia que eram raminhos de plástico que as operadoras de telefones móveis usavam para camuflar ou embelezar as torres dos telemóveis em áreas populacionais. Mas por que razão estariam aqui, no meio da mata?

Baixou os binóculos, pegou na sua Nikon e tirou algumas fotografias ao poste, recordando-se do que Tom Walsh lhe dissera — «Para além dos

automóveis, das caras e das matrículas, fotografe tudo o que aparente ter interesse».

Harry achou que aquilo parecia interessante e que era bom para o ficheiro, por isso pegou na máquina de filmar e gravou dez segundos de vídeo antes de prosseguir.

O terreno começou a subir ligeiramente e os pinheiros davam lugar a grandes carvalhos, olmos e plátanos, cuja folhagem mostrava tons fortes de vermelho, laranja e amarelo. O chão estava coberto por um tapete de folhas caídas, que restolharam quando Harry passou por cima delas.

Consultou rapidamente o mapa e a bússola e viu que o pavilhão ficava sempre em frente, a menos de oitocentos metros de distância.

Desembrulhou uma barra nutritiva e prosseguiu, a comer e a apreciar o ar fresco da montanha Adirondack, mantendo-se alerta. Mesmo sendo um agente federal, intrusão era intrusão e, sem um mandato, ele não tinha mais direito a estar numa propriedade privada e sinalizada do que um caçador furtivo.

No entanto, quando pedira um mandato a Walsh, o chefe tinha-lhe dito: «Não temos nenhuma causa provável para justificar a vigilância. Para quê pedir um mandato a um juiz, se a resposta vai ser não?» Ou, como a Polícia de Nova Iorque gostava de dizer a respeito de contornar a lei, «é melhor pedir desculpa depois do que pedir licença agora».

Harry, como todos os outros no antiterrorismo, sabia que as regras se tinham alterado dois minutos depois de a segunda torre ser atingida. E as regras que se alteraram podiam ser quebradas. Normalmente isto tornava o seu trabalho mais fácil, mas por vezes, como agora, também o tornava mais arriscado.

A floresta estava mais rala e Harry reparou em muitos tocos onde as árvores tinham sido derrubadas e levadas, talvez para lenha, talvez por segurança. Qualquer que fosse a razão, havia muito menos cobertura e esconderijos do que cem metros mais atrás.

Avistou um campo aberto à sua frente e aproximou-se devagar, por entre as árvores, muito espaçadas.

Parou debaixo do último plátano e observou o terreno com os seus binóculos.

Uma estrada alcatroada atravessava o campo e descia a encosta até ao portão da entrada, onde Harry conseguia ver uma cabine feita de troncos através dos binóculos. A estrada estava ladeada por holofotes de segurança, instalados em postes de metal, e ele reparou também em postes telefónicos de madeira, com meadas de cinco fios que saíam da mata, atravessando o terreno e a estrada e desaparecendo novamente na floresta do outro lado. Calculou que aquilo fosse a continuação daquilo que vira perto da vedação.

Aparentemente, aqueles postes e os cabos elétricos rodeavam a propriedade, o que significava que todo o perímetro de vinte e seis quilómetros estava iluminado. «Isto não é um pavilhão de caça», disse ele a si mesmo.

Observou a estrada enquanto ia subindo a vertente, em direção a um enorme pavilhão de primeiro andar ao estilo montanhês do Adirondack, instalado na encosta à sua frente, a cerca de duzentos metros de distância. No relvado diante do pavilhão, havia um mastro alto com a bandeira americana e, por baixo, uma flâmula amarela qualquer. Por trás do pavilhão, viam-se alguns barracões e, no topo da encosta, estava aquilo que parecia ser uma torre de rádio ou de telemóveis. Harry tirou-lhe uma fotografia com a teleobjetiva da Nikon.

O pavilhão estava construído com seixos do rio, troncos e telhas de madeira, e tinha um grande pórtico com colunas à frente. Do telhado de telhas esverdeadas brotavam seis chaminés de pedra, todas a deitar um fumo cinzento para o ar. Harry avistava luzes nas janelas da fachada e um jipe preto no grande parque de estacionamento de gravilha à frente do edifício. Era óbvio que estava lá alguém, certamente à espera dos convidados. Era por isso que ele estava ali.

Usou a Nikon para tirar algumas fotografias ao parque de estacionamento e ao pavilhão, e a seguir ligou a câmara de filmar e gravou algumas imagens do edifício e da área ao redor.

Sabia que teria de se aproximar muito mais para conseguir fotografar os automóveis que chegassem, as pessoas e as matrículas. O *Ed dos Técnicos* tinha-lhe mostrado uma fotografia aérea do pavilhão e assinalara o facto de aquele ser um terreno aberto, mas com muitos afloramentos rochosos que poderiam servir de esconderijo.

Harry observou os pedregulhos que afloravam pela encosta acima e planejou a sua rota, correndo de uma formação rochosa para outra, até conseguir chegar a um ponto estratégico, a cerca de trinta metros do pavilhão e do parque de estacionamento. Quando lá chegasse, poderia fotografar e filmar os carros estacionados, assim como as pessoas que entrassem no pavilhão. Teria de ficar ali até ao fim da tarde, de acordo com Walsh, e a seguir deveria dirigir-se ao aeroporto local para verificar os registos das chegadas de passageiros e dos carros alugados.

Recordou-se de uma vez em que estivera num caso que envolvia um grupo de fulanos do Exército Republicano Irlandês, que tinham instalado um campo de treinos numa zona próxima dali. A área florestal do Adirondack era tão grande como o estado de New Hampshire, uma mistura de terrenos públicos e privados com uma população muito pequena, o que a tornava um bom sítio para caçar, fazer caminhadas e experimentar armas ilegais.

Esta missão de vigilância era um bocadinho diferente da emboscada ao IRA, uma vez que não tinha sido cometido nenhum crime e que, provavelmente, as pessoas que viriam àquele grande pavilhão teriam alguma influência algures.

Harry estava prestes a lançar-se em direção a um afloramento rochoso, quando três jipes pretos apareceram subitamente, saídos detrás do pavilhão, atravessando o terreno a corta-mato e em grande velocidade. Na verdade, dirigiam-se diretamente para ele. «Merda.»

Deu meia-volta e fugiu para o meio das árvores, mas logo de seguida ouviu cães a ladrar na floresta. «C'um caraças.»

Os três jipes pararam ao pé das árvores e saíram dois homens de cada veículo. Traziam espingardas de caça.

Das árvores ao redor surgiram três homens, com pastores alemães a rosnar e a retesar as trelas. Harry reparou que os homens traziam pistolas à cintura. Nesse momento, viu um quarto indivíduo a sair do arvoredo, com a passada larga de quem estava ao comando.

Harry apercebeu-se de que a sua posição só poderia ter sido assinalada com tanta exatidão se eles tivessem sensores de movimento ou de som espalhados pela área. Aquela gente gostava *mesmo* de privacidade.

Deparou-se com uma sensação de ansiedade à qual não estava habituado, mas não sentia medo. Aquela iria ser uma situação bicuda, mas não oferecia perigo.

Os guardas tinham formado um círculo à volta dele, mas mantiveram uma distância de cerca de seis metros. Estavam todos vestidos ao estilo militar, com fatos camuflados e um emblema com a bandeira americana no ombro direito. Usavam todos bonés com uma águia e tinham auriculares enfiados na orelha esquerda.

O homem que mandava — um fulano de meia-idade com um aspeto duro — aproximou-se mais e Harry viu que ele tinha um crachá de tipo militar a dizer «CARL».

— O senhor está em propriedade privada — informou Carl.

Harry fez uma cara de parvo.

— A sério?

— Sim, senhor.

— Oh, bolas. Bem, se vocês me indicarem o caminho...

— Como é que o senhor atravessou a vedação?

— Vedação? Qual vedação?

— A vedação que envolve a propriedade, com umas placas a dizer «Proibida a entrada».

— Eu não vi nenhuma... Oh, *aquela* vedação. Desculpe, Carl, eu estava a seguir um pica-pau e ele voou por cima da vedação, por isso eu encontrei um buraco na rede e...

— Porque é que você está aqui?

Harry reparou que o tom de Carl se tinha tornado menos educado e que ele deixara de lhe chamar «senhor».

— Eu sou um observador de pássaros — respondeu Harry, mostrando o seu guia. — Observo pássaros — e bateu com o dedo nos seus binóculos.

— Porque é que traz essas câmaras?

— Eu tiro *fotografias* aos pássaros — «parvalhão». — Por isso, se me puder indicar por onde é que eu saio da propriedade, ou, melhor ainda, se me puderem dar boleia, eu vou-me já embora.

Carl não respondeu e Harry sentiu o primeiro sinal de possíveis sarilhos.

— Há milhões de hectares de terrenos públicos aqui à volta — disse Carl ao fim de uns momentos. — Porque é que abriu um buraco na vedação?

— Amigo, eu cá não abri nenhum buraco. Eu *encontrei* um buraco, porra. E, já agora, vá à merda.

Harry, tal como toda a gente à sua volta, apercebeu-se de que aquilo já não soara a observador de pássaros.

Estava prestes a mostrar o seu cartão do FBI, pôr aqueles sacanas todos em sentido e exigir que lhe dessem boleia até à sua caravana, mas pensou melhor e achou que não deveria transformar aquilo num caso oficial. Porque é que lhes haveria de dizer que era um agente federal enviado para espiar? Walsh iria ter um ataque.

— Eu vou-me já embora — disse Harry, dando um passo em direção à floresta.

Subitamente, as espingardas já estavam apontadas para ele e as pistolas já tinham saído dos seus coldres. Os três cães rosnavam e puxavam pela trela.

— Alto aí, ou solto os cães.

Harry inspirou fundo e parou.

— Há duas maneiras de resolver isto — esclareceu Carl. — A bem ou a mal.

— Então vamos resolver a mal.

Carl passou a vista pelos outros nove guardas, e a seguir pelos cães, antes de olhar para Harry.

— Temos instruções rígidas para levar todos os intrusos para o pavilhão e chamar o xerife, para que as forças da autoridade transportem o indivíduo para fora da propriedade — disse ele, num tom conciliador. — Não apresentaremos queixa, mas o senhor será avisado pelo xerife de que, se voltar a forçar a entrada, estará sujeito a detenção. O senhor não está autorizado, nem pela lei nem pelas nossas normas de segurança, a sair da propriedade sozinho e a pé, e nós também não o podemos levar num veículo até à saída. Só o xerife é que pode fazer isso. É para a sua própria segurança.

Harry ficou a pensar naquilo. Apesar de a missão já ter ido pelo cano abaixo, ver o interior do pavilhão ainda poderia ser uma pequena vitória; talvez até obtivesse algumas informações, inclusivamente do xerife local.

— OK, ótimo. Então vamos.

Carl fez um gesto para que Harry desse meia-volta e avançasse em direção aos jipes. Harry pensou que o iriam meter num dos veículos, mas não o mandaram entrar, portanto talvez as suas normas de segurança fossem, de facto, estritas.

Contudo, os jipes mantiveram-se ao seu lado durante o percurso pela encosta acima, em direção ao pavilhão, com todo o contingente a acompanhá-lo.

Enquanto ia andando, considerou aqueles dez guardas armados com os cães, a cabine do portão, a vedação em rede, o arame farpado, os holofotes, as caixas com os telefones e os prováveis detetores de movimento e de som. Aquilo não era um clube qualquer de caça e pesca. Sentiu-se subitamente furioso com Walsh, que o tinha informado mal, e ainda mais furioso consigo mesmo, por não lhe ter cheirado a sarilhos.

Sabia que não devia ter medo, mas os seus instintos, aguçados por vinte anos de trabalho na polícia e por cinco anos de trabalho no antiterrorismo, diziam-lhe que havia ali algum perigo envolvido.

Para confirmar as suas suspeitas, sugeriu a Carl, que vinha a andar atrás dele:

— Ei, porque é que não liga já ao xerife pelo seu telemóvel? Para poupar tempo.

Carl não respondeu.

Harry levou a mão ao bolso:

— Pode usar o meu telemóvel.

— Mantenha as mãos à vista e o bico calado — ordenou Carl.

Um arrepio gelado percorreu a espinha de Harry Muller.